

2- Políticas de educação básica e de formação e gestão escolar

O MOODLE COMO ESPAÇO COLABORATIVO DE APRENDIZAGEM: o caso da sala ambiente Oficinas tecnológicas

Dra. Alásia Santos R. do Nascimentoⁱ

Msc. Alba Lúcia N. G. da Costaⁱⁱ

RESUMO

Este artigo trata da disciplina “ambiente Oficinas Tecnológicas” do curso de especialização em Gestão escolar do programa Escola de Gestores da Educação Básica. Além de ocupar um espaço no currículo ao final do curso, dividindo carga horária com “ambiente Tópicos Especiais em Educação”, apresenta uma ementa que não condiz com o conjunto de eixos temáticos propostos, do ponto de vista interdisciplinar, tampouco com as demandas apresentadas no cotidiano pelo gestor. Assim, abordamos, por meio de entrevistas, os limites e as possibilidades de Oficinas Tecnológicas a partir das demandas do gestor escolar.

Palavras-chave: Política educacional, formação do gestor, Educação a Distância.

O Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica Pública conta com um projeto pedagógico bastante consistente no que se refere à organização curricular de todo o curso de especialização *Lato sensu*. No que diz respeito à valorização das teorias e práticas que podem dar suporte ao trabalho realizado pelo gestor escolar em exercício, é uma proposta de currículo afinada com as necessidades cotidianas da gestão escolar, bem como com as novas exigências de mundo do trabalho. Na medida em que o currículo se estrutura em blocos temáticos que se organizam por meio de eixos norteadores, evitando o enclausuramento do saber pedagógico em disciplinas hermeticamente dispostas, valoriza a apropriação do conhecimento de forma interdisciplinar, permitindo inclusive a resolução de problemas pedagógicos por parte da gestão escolar.

Como coordenadoras da sala ambiente Oficinas Tecnológicas, no entanto, percebemos que esta disciplina não ocupa o devido espaço na organização curricular do curso. Além de estar no final do curso, dividindo espaço e carga horária com a sala ambiente Tópicos Especiais em Educação, apresenta uma ementa -a mesma do projeto nacional- que não condiz com o conjunto de eixos temáticos propostosⁱⁱⁱ, do ponto de vista interdisciplinar, tampouco com as muitas demandas apresentadas no cotidiano do curso pelo gestor. Neste sentido, este artigo abordará criticamente os limites e as possibilidades da sala ambiente Oficinas Tecnológicas (OT) a partir do olhar e das demandas do gestor escolar. As reflexões aqui

apresentadas fazem parte da dissertação de mestrado intitulada “O PROGRAMA ESCOLA DE GESTORES NA UFPB: olhares e propostas dos gestores egressos”, que analisa as experiências do primeiro curso de especialização em Gestão Escolar da Escola de Gestores na Universidade Federal da Paraíba sob o ponto de vista dos cursistas.

A dissertação de Costa (2012) apresenta, entre outras questões, um aspecto concernente à constituição dos saberes previamente apropriados pelo gestor escolar. Em entrevista estruturada, os gestores assinalaram a dificuldade em lidar com as tecnologias digitais, como um dos impasses do curso. É com base nesse dado e sua relação com a Sala Ambiente Oficinas Tecnológicas (OT) que se centra nossa análise.

Acreditamos que a posição de OT no currículo nacional do Programa Escola de Gestores, não favorece pedagogicamente ao cursista, uma vez que, ao posicionar-se no final do curso, abre mão da oportunidade de incluir o cursista em contextos de aprendizagem digital de maneira mais significativa. O Moodle é o Ambiente Virtual de Aprendizagem em funcionamento na Escola de Gestores responsável pela aprendizagem dos cursistas, por agregar as funções de uma sala de aula tradicional, assim como os sujeitos do processo – professor, aluno, conhecimento. Por este motivo, necessita de salas ambientes que procurem não apenas introduzir o cursista ao Moodle, mas também aproximá-lo, por meio do que o próprio moodle é constituído: as tecnologias digitais. Estas são, na educação a distância, plataforma de aprendizagem fundamental em todo processo, não sendo apenas veículo desta aprendizagem, nem fim último, constitui a trama sob a qual a aprendizagem a distância acontece, mediada por tecnologias digitais. Neste sentido, o moodle, da forma como se estrutura na EG, favorece à aprendizagem colaborativa, entretanto, OT poderia ter a função de potencializar ações colaborativas e significativas de aprendizagem ao invés de simplesmente dar suporte tecnológico e favorecer o uso de recursos das TIC na educação, conforme propõe o projeto nacional da Escola de Gestores.

1 A pesquisa: Contribuições e limites dos cursistas em relação à Tecnologia

Foram entrevistados 19 gestores a fim de saber qual sua visão sobre as dificuldades de aprendizagem oferecidas pela modalidade a distância na EG-UFPB e se o saber previamente adquirido sobre as TICs facilitou a aprendizagem no curso de especialização de gestão escolar.

Sobre as dificuldades aprendizagem pelas quais os gestores passaram, houve predominância entre as respostas sobre a necessidade de aulas presenciais, de acordo com as respostas:

O que mais dificultou para mim fora mas aulas presenciais, que foram poucas. Eu sugeri assim, que no final do curso, que tivéssemos uma avaliação com os gestores que estavam fazendo, que tivesse mais aulas presenciais, até porque o debate assim o debate presencial é muito importante, é rico, porque você tira as suas dúvidas, você tem novas experiências com os colegas, ou seja, com o professor, o coordenador, o orientador a formar. Nos dá novas ideias, então o que mais dificultou foi as aulas. [Gestor d] (COSTA, 2012).

A grande maioria dos gestores entrevistados acena para a necessidade de aulas presenciais, o que poderia ser amenizada com a reflexão sobre um possível ajuste na ementa de Oficinas tecnológicas e sua alocação no currículo do curso para o início do curso, junto com a sala ambiente Introdução a sala ambiente moodle^{iv}, potencializando de tal modo, os efeitos de ambas as salas ambientes. A reformulação da ementa de OT, incluindo conteúdos e temas que favoreçam práticas de aprendizagem colaborativa, como a compreensão prática do uso das redes sociais como o *twitter* e o *facebook*. Consideramos que esta aprendizagem, pode reforçar bastantes práticas de colaboração no *moodle*, pois são práticas culturais em funcionamento na *web* que implicam pela própria constituição o compartilhamento de informações e conhecimento, a produção, individual ou coletiva, de hipertextos, a seleção e filtragem de informações e conhecimentos, além do estabelecimento de múltiplas conexões, seja entre sujeitos individuais, coletivos ou institucionais. (SIEMENS, 2010). Desta forma, é possível fomentar práticas de aprendizagem colaborada, tornando o *moodle* mais próximo ao uso de redes sociais, é possível também que os cursistas desenvolvam uma aproximação mais significativa com o curso e com o ambiente no qual vai interagir em situações de aprendizagem – o *moodle*.

Ainda na fala do Gestor d, aparece o elemento da colaboração associada ao uso do computador e da internet:

Em relação ao uso do computador e da internet, na área da informática, dificultou um pouco, mas com a prática do dia a dia eu fui me aprofundando, e Lucinha me ajudava bastante, então eu já entrava certinho, eu já ia na plataforma do curso, que ali já mostrava tudo para gente e as dificuldades foram diminuindo. [Gestor d] (COSTA, 2012).

Esta fala comprova o fato de que uma aprendizagem colaborada ocorrida em um Ambiente Virtual de Aprendizagem é consideravelmente mais eficiente. Contudo, esta aprendizagem precisa ser também ser garantida pelo curso e pelos docentes deste, na medida

em que fazem a mediação pedagógica entre os cursistas e os dispositivos tecnológicos (NASCIMENTO, 2012).

É importante destacar que o Ambiente Virtual de Aprendizagem *Moodle* em si não promove a aprendizagem, mas o docente é fundamental na mediação pedagógica entre alunos, conhecimento e *moodle*. No quesito que trata das dificuldades de aprendizagem entre os gestores, emergiu outra questão bastante recorrente nas entrevistas: o curto prazo das atividades estabelecido pelos professores das salas ambiente. Considerando aqui que o conhecimento não pode ser suprimido para melhor se ajustar ao curso, é o professor que precisa tentar ajustar seu tempo e forma de trabalho criando um ajustamento pertinente com o curso e os cursistas que, submetidos a uma realidade de formação continuada em exercício, precisa definitivamente ter essa realidade considerada. Podemos observar isto nas falas dos Gestores:

Assim em parte eu gostei, achei que o curso contribuiu, mas em parte eu achei muito corrido, não é corrido o conteúdo porque as apostilas eram maravilhosas. Eu digo assim é muito pouco tempo para você desempenhar as atividades. Então você conciliar e trabalhar e tem que estar no computador, eu achei um pouco de dificuldade, mas contribuiu e no final de tudo contribuiu. [Gestor e].

Eu não diria que dificultou, eu digo o seguinte: que, eu vou repetir, o tempo é muito curto e você tem que trabalhar bem esse tempo, e acho, é o que eu disse a você no início: eu to cursando outro curso virtualmente. Então para mim, só tem contribuição, se fosse presencial não teria tempo para cursar, não. Ficaria mais difícil. [Gestor l] (COSTA, 2012).

A gestão do tempo na educação a distância é fundamental, sobretudo quando a população atendida é de profissionais em serviço, não devendo ser tarefa apenas pelo cursista, mas principalmente daquele responsável pela mediação pedagógica: o professor. Transferir para os dispositivos tecnológicos em funcionamento, no caso o moodle, significa delegar à tecnologia as tarefas educativas ou mesmo apenas contar com a iniciativa individual do cursista de se auto-educar. O Gestor e, inclusive, assevera na entrevista que apesar de o tempo ser corrido, o conteúdo do curso é bom, necessitando haver melhor organização do tempo. Salientamos que o tempo na educação a distância difere do tempo da educação tradicional, constituindo-se de relações mais imediatas, desde feedbacks de avaliação a trocas de aprendizagem realizadas entre os sujeitos, o que requer uma conduta intensa de interatividade e dinamismo entre professores e cursistas e destes com a tecnologia.

A tecnologia digital, apesar de ser sujeito na aprendizagem do cursista, não reduz a aprendizagem apenas à dimensão técnica, mas, se bem mediada, potencializa a experiência do

cursista, extrapolando a dimensão da auto-aprendizagem – comum nas práticas de EAD – permitindo uma utilização mais racional do moodle, assim como cria possibilidade de o cursista estabelecer um maior número de conexões no ambiente Virtual de aprendizagem. Em resposta a questão sobre o que motivou o cursista a permanecer no curso, uma vez que a modalidade é a distância, exige relativa ambientação com os dispositivos tecnológicos, os gestores assinalaram o seguinte:

O que me motivou foi me aprofundar mais, mais conhecimento e para adquirir mais experiência (pausa), assim a gente aprende a ser gestor, a gente entra no cargo principalmente sem informação nenhuma, e no nosso caso, aqui em Cabedelo porque essa turma de gestores, nós fizemos o curso, o setor de Campina Grande vieram, nós fizemos o curso e fomos selecionados, fizemos a prova e depois houve a eleição nas escolas, entendeu? Não foi assim por indicação não. Foi tudo! [Gestor g] (COSTA, 2012).

O conectivismo é uma teoria da aprendizagem, elaborada por Geoge Siemens, que compreende a aprendizagem mediada por TICs em ambientes virtuais colaborativos de aprendizagem, se baseia na ideia de que para aprender é necessário se fazer conexões, entre indivíduos, instituições, tecnologias, aprendizagens, funções e cargos, como a compreensão de que a gestão escolar só pode ser democrática, mediante processo de eleição, conforme o Gestor g revelou.

É interessante que essa aprendizagem, baseada em conexões, independe do uso de dispositivos tecnológicos, mas se realizada em ambientes virtuais de aprendizagem, como o moodle, pode ampliar consideravelmente as conexões possíveis a ser realizadas pelos cursistas. É possível observarmos isso na fala do Gestor a:

Eu gosto muito da parte administrativa, eu sou educadora e fundadora do conselho escolar dessa escola, eu estou aqui há 24 anos, então eu trabalho muito a questão da política pública, a menina dos meus olhos é a política pública da educação, porque eu sou exemplo de uma educação que não tinha, uma educação que nós lutamos pelo Plano Decenal e eu vejo que o plano Decenal é concretizado pelo PENAI que é a merenda escolar financiada direto na escola, com o PDDE, com os programas de governo, com o livro didático chegando direto, recebido por nós, então são políticas. [Gestor a] (COSTA, 2012).

A vivência compartilhada entre os gestores no curso proporcionou, para além da apreensão de conteúdos importantíssimos ao adequado andamento da gestão escolar, a articulação entre experiências diversas de gestão, o conhecimento a respeito do funcionamento de outras escolas públicas, bem como seus profissionais e seus diversos modos do exercício da gestão escolar.

Sobre isso, Mota (2004) afirma:

Aceitando que existe alguma aprendizagem que passa pela aquisição de conhecimento, sustenta que a aprendizagem é, sobretudo e mais frequentemente, um processo com vários estádios e diferentes componentes. Existem muitas atividades preparatórias ainda antes de nos envolvermos na aprendizagem, como sejam a exploração, a tomada de decisões, a seleção, etc. A experiência de aprendizagem, ela mesma, pode definir-se como o momento em que adquirimos, de forma ativa, o conhecimento que nos faltava para completarmos uma tarefa necessária ou resolvermos um problema.

A fala do Gestor d indica que a aprendizagem, sobretudo num curso de formação continuada em serviço, deve convergir para a resolução de problemas do cotidiano profissional do gestor:

Porque o curso é ligado à gestão, e na época eu ainda era gestora, então tudo que vinha a me ajudar a melhorar na gestão, eu estava fazendo [Gestor d] (COSTA, 2012).

Segundo Simens (2010), a aprendizagem é multifacetada, determinada pela tarefa. É o que ele chama de Knowing Knowledge, quando procura clarificar e detalhar o caráter multidimensional e da aprendizagem, distribuindo-a por quatro domínios: transmissão, emergência, aquisição e acreção. Este último domínio – a acreção -diz respeito ao domínio da aprendizagem contínua,

enquanto função do ambiente, o aprendente procura o conhecimento quando e onde ele é necessário. É a vida real, e não a teoria, que comanda este tipo de aprendizagem, que constitui uma atividade constante na nossa vida: através de diálogos, de um workshop, de um artigo, aprendemos coisas novas; ganhamos experiência através da nossa reflexão sobre os projetos que desenvolvemos, sejam eles bem ou mal sucedidos, conectamos e associamos uma grande variedade de elementos e atividades, moldando e criando constantemente a nossa compreensão e o nosso conhecimento. (MOTA, 2004).

Para tanto, é necessário que o curso de gestão escolar da Escola de Gestores garanta aos cursistas uma articulação sólida entre todas as salas ambiente, com destaque para a necessidade de revisão da sala ambiente Oficinas Tecnológicas, tanto do ponto de vista da ementa – levando os cursistas a compreender a integração entre o moodle e a web – como do ponto de vista de sua posição curricular – experimentando uma posição no currículo que facilite e potencialize o uso do moodle. As falas dos gestores demonstram essa necessidade de relacionar o ambiente virtual de aprendizagem com toda a web, com os indivíduos que dela fazem uso, diminuindo assim as fronteiras e aproximando os indivíduos a partir de interesses comuns, permitindo o estabelecimento de relações sociais:

Para mim contribuiu e muito porque através mesmo do próprio curso, é que eu me acostumei também a estudar, porque eu não fazia uso dos recursos para estudo, então

assim me ajudou também a estudar dessa forma, porque eu criei amizade com pessoas que estavam fazendo o curso em outros municípios, para mim, isso contribuiu e muito. [Gestor I] (COSTA, 2012).

É exatamente esse clima emocional e social que deve ser criado no moodle, um clima de sala de aula, em que há relações de interatividade, para que os gestores sintam-se a vontade para mostrar autenticamente sua identidade com o curso e com a gestão escolar, produzindo conhecimento sobre suas intervenções pedagógicas como gestor escolar. Pois, cabe ao cursista integrar-se a um ambiente de transmissão de conhecimento, em que este apresente-se de maneira estruturada, em que haja emergência cognitiva do conhecimento, mediante processo de internalização, possibilitando a aquisição do conhecimento mediante processo de atribuição de sentido à realidade da gestão escolar feito pelo próprio cursista, à medida que a realidade da escola se lhes apresenta desafios e problemas a serem resolvidos.

Segundo Siemens (2010), a transmissão, a emergência, a aquisição e a criação, apresentados resumidamente no parágrafo anterior, são domínios da aprendizagem conectivista que possibilita a mediação pedagógica entre cursista e conhecimento convergir o conhecimento apresentado ao aluno de maneira contextualizada, de forma a responder suas necessidades. A aprendizagem, para Siemens (2010) não é um ponto fixo que converge apenas para uma direção mas,

O conectivismo apresenta um modelo de aprendizagem que reconhece as mudanças tectônicas na sociedade, onde a aprendizagem não é mais uma atividade interna e individual. O modo como a pessoa trabalha e funciona são alterados quando se utilizam novas ferramentas. O campo da educação tem sido lento em reconhecer, tanto o impacto das novas ferramentas de aprendizagem como as mudanças ambientais na qual tem significado aprender. O conectivismo fornece uma percepção das habilidades e tarefas de aprendizagem necessárias para os aprendizes florescerem na era digital. (MOTA, 2004).

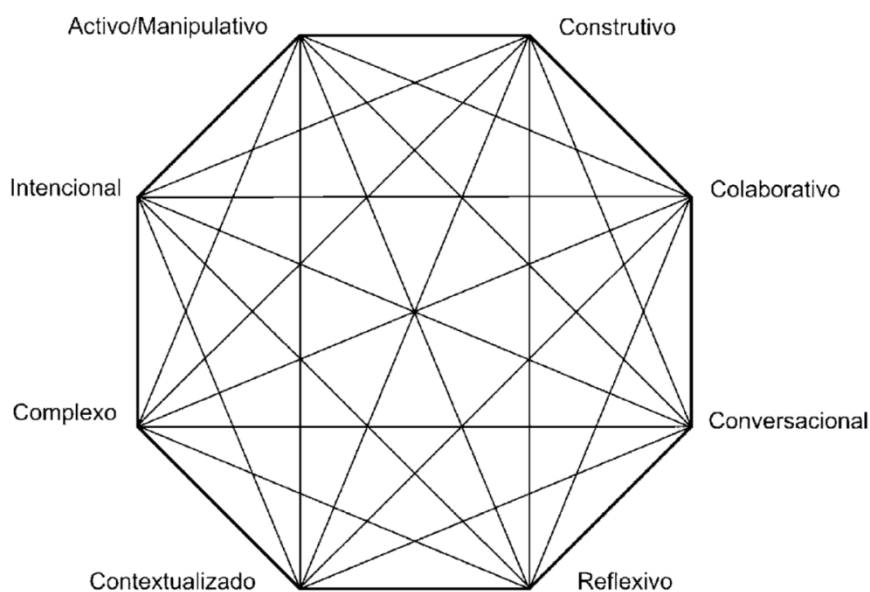
Assim, cabe à organização do curso estar estruturada para que os cursistas desenvolvam essas conexões a partir da proposta de conhecimentos estruturada no moodle que permita, antes de qualquer ação, a integração pedagógica do cursista com o moodle, como conexão primeira, a partir da qual, outras aprendizagens possam fluir.

É necessário que o docente do curso estabeleça uma relação com o moodle, para além de ferramenta tecnológica, mas ancorado numa teoria da aprendizagem, funciona como um espaço de interação social, complexo e multifacetado, que funciona dentro de uma rede maior – a web – que é um agente cognitivo que extrapola limitações individuais, permitindo conexões diversas. O *moodle* é, para a Escola de Gestores da UFPB, um espaço virtual, onde

as conexões sobre indivíduos, conteúdos, instituições escolares são agregadas em busca de ampliar e compartilhar colaborativamente informações e conhecimentos sobre gestão escolar nas suas dimensões pedagógica, administrativa e financeira.

Para estruturar o *moodle* com esse fim é necessário planejá-lo de maneira aproximada ao que Jonassen apresenta como sendo princípios caracterizadores dos ambientes de aprendizagem e cuja síntese podemos encontrar na figura 1^v.

Figura 1 Características que os ambientes de aprendizagem devem enfatizar, segundo Jonassen



Autoria Jonassen, 1999

Valente (2009) afirma que a capacidade de “moldar” os ambientes virtuais de aprendizagem está sobretudo nas mãos dos administradores e dos professores online, fator que pode também reconfigurar totalmente as práticas esperadas para os ambientes baseados nas abordagens construtivistas ou mesmo conectivistas. Esta observação pretende enfatizar que qualquer plataforma pode basear-se em determinados princípios e ser utilizada na valorização de outros opostos, sendo não a tecnologia mas as formas da sua utilização, fundamentalmente na interação e construção social e cognitiva das aprendizagens que definem o ambiente.

Logo, ao se utilizar o moodle é preciso se ter em mente que este sistema de gestão de conteúdos depende da mediação pedagógica de um professor online, fundamentado na teoria da aprendizagem que melhor sustente seu funcionamento.

¹ Professora adjunto I do Departamento de Habilitações Pedagógicas e coordenadora da sala ambiente Oficinas Tecnológicas e Projeto Vivencial do Programa Escola de gestores da UFPB.

ⁱⁱ Coordenadora pedagógica local do Programa Escola de gestores da UFPB

ⁱⁱⁱ http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14669&Itemid=947.

^{iv} Ambiente Virtual de Aprendizagem.

^v Figura copiada do artigo de VALENTE, Luís. Moodle: moda, mania ou inovação. In: ALVES, Lynn; BARROS, Daniela e OKADA, Alexandra. Moodle: Estratégias pedagógicas e estudos de caso, EDUNEB, 2009.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn; BARROS, Daniela e OKADA, Alexandra. Moodle: Estratégias pedagógicas e estudos de caso, EDUNEB, 2009.

COSTA, Alba Lúcia Gomes da. O PROGRAMA ESCOLA DE GESTORES NA UFPB: olhares e propostas dos gestores egressos. Memória de Seminário de tese, CE-UFPB, 2011.

NASCIMENTO. Alásia Santos Ramos do. Os dispositivos tecnológicos no discurso da Universidade Aberta do Brasil: Da universidade Aberta no Brasil à Universidade Aberta do Brasil. Tese de doutorado, CE-UFPB, 2012.

MOTA, José Carlos. Da Web 2.0 ao e-Learning 2.0: Aprender na Rede. Disponível em: <http://orfeu.org/weblearning20/>

SIEMENS, George. Uma teoria da aprendizagem para a era digital. Disponível em: http://ensinotec.com/index.php?option=com_content&view=article&id=106:conectivismo-uma-teoria-da-aprendizagem-para-a-era-digital&catid=44:traducoes&Itemid=37

_____ (2010). A informação torna-se conhecimento através das conexões. Disponível em: <http://www.educare.pt/educare/Educare.aspx> . Acessado em 05/10/2010.

VALENTE, Luís. Moodle: moda, mania ou inovação. In: ALVES, Lynn; BARROS, Daniela e OKADA, Alexandra. Moodle: Estratégias pedagógicas e estudos de caso, EDUNEB, 2009.